

O MELHOR DO FEBRABAN TECH 2025



Os Highlights do principal evento de tecnologia e inovação do segmento financeiro – pela **perspectiva da Datum**





A corrida pela inteligência artificial lembra a chegada do homem à lua: uma evolução puxa a outra. Para que seja possível implementá-la, é preciso governança de dados, datalake, plataforma central, regulatório de LGPD, acultramento, capacitação da equipe, etc. Só a partir disso é possível escalar. Trata-se de uma jornada evolutiva.

No Febraban Tech 2025, não se falou apenas de IA. Falou-se de cultura, ética, governança e propósito. O que vimos por lá reforça o que já sentimos no dia a dia da Datum: tecnologia não anda sozinha. Ela depende de estrutura, de decisões humanas e de uma boa dose de ousadia.

Neste material, organizamos os insights mais relevantes dos painéis que acompanhamos, com o olhar de quem está todos os dias ajudando empresas a colocar tecnologia em produção, com fôlego, responsabilidade e escala.

Boa leitura!

Preparados para tanta inovação?

Painel com Gabriel Galípolo (Banco Central do Brasil)

Segundo pesquisa realizada pela Febraban em parceria com a Deloitte, o orçamento total de TI dos bancos deve alcançar R\$ 47,8 bilhões neste ano. Um volume significativo que está sendo direcionado, principalmente, para criar as bases necessárias à escalabilidade de iniciativas em inteligência artificial. Mas, enquanto os bancos se estruturam internamente, o Banco Central avança em paralelo com uma agenda própria de inovações que também transformam a operação do setor.

Durante a abertura do Febraban Tech, o presidente do BC, Gabriel Galípolo, apresentou algumas das novidades que já estão no radar ou prestes a serem implementadas. O **Pix 2.0**, por exemplo, trará funcionalidades como pagamentos por aproximação, pagamentos recorrentes automáticos e parcelamentos - uma alternativa que pode beneficiar diretamente cerca de **60 milhões de pessoas** sem acesso

a cartão de crédito. O sistema também ganhará **novas camadas de segurança** com o PIX MED 2.0, além da possibilidade de usar o Pix como garantia em financiamentos. Galípolo também destacou o **DREX, a moeda digital brasileira**, como um instrumento para ampliar a eficiência, a segurança e a inclusão financeira.

Diante de tantas transformações acontecendo ao mesmo tempo, a pergunta que permanece é: **os bancos estão prontos para integrar tudo isso?** A resposta envolve mais do que orçamento. Exige agilidade, conhecimento técnico e uma execução altamente coordenada. Nesse contexto, contar com parceiros estratégicos pode ser o diferencial entre acompanhar a mudança e liderar a nova fase do setor.



O futuro dos bancos: crescimento, competitividade e novos modelos de negócio

Painel com Carlos Vieira (Caixa), Marcelo Noronha (Bradesco), Mario Leão (Santander Brasil), Milton Maluhy Filho (Itaú Unibanco), Roberto Sallouti (BTG Pactual) e Tarciana Medeiros (Banco do Brasil)

Representantes dos principais bancos brasileiros destacaram como a tecnologia tem se tornado cada vez mais estrutural em suas estratégias. Para o Banco do Brasil, inovação não é um fim, mas um meio para atingir a hiperpersonalização (a ideia de oferecer um “banco para cada cliente”). Esse avanço está conectado à capacitação em larga escala: mais de 65 mil colaboradores foram treinados recentemente. Já o Itaú opera com 17 mil profissionais de tecnologia e mais de 500 projetos com IA generativa em andamento, demonstrando maturidade e ambição na transformação digital.

O Bradesco apresentou ganhos de até **50% em eficiência** com metodologias ágeis e o uso da BIA, sua inteligência artificial agora combinada com IA generativa. Santander e Caixa mostraram como unem presença digital e humana para ampliar a **inclusão financeira**, especialmente em regiões remotas. O BTG Pactual, 100% digital, compartilhou resultados expressivos em atendimento e produtividade desde sua virada tecnológica, iniciada em 2016.

A **governança de dados** também teve destaque. O Banco do Brasil está estruturando um modelo robusto para evitar vieses e alucinações. Já a Caixa usa IA em áreas como cibersegurança e recuperação de ativos, e o Santander vem explorando o Open Finance para tornar a personalização mais precisa.

Tratando-se de cultura, os bancos reconheceram que a transformação tecnológica só avança com evolução de mindset. O programa TEIA, da Caixa, formou agentes de inovação e gerou mais de mil promoções. O Itaú e o Santander enfatizaram novas habilidades de liderança. O Bradesco adotou práticas de Agile at Scale e multi-agentes. O BTG ensinou IA aplicada aos negócios para seus times internos, um passo importante para ampliar a adoção.



A importância dos dados na Era da Inteligência Artificial

Painel com Nelson Campelo (Atos), Pedro Pedrosa (Caixa) e Rafael D'Avila (Google Cloud)



A inteligência artificial vem sendo cada vez mais aplicada na busca por ganho de tempo, redução de riscos e aumento da eficiência operacional. Mas isso só é possível quando os dados utilizados são bem governados. A governança é o que garante a **consistência e a confiabilidade dos modelos**. O que antes era visto como experimentação isolada, com cara de feira de ciências, agora dá lugar a projetos que precisam, de fato, mover o ponteiro do negócio. A maturidade aumentou.

Os primeiros ganhos com IA podem até aparecer rápido, mas e depois? Com o passar do tempo, como será feita essa análise? Como escalar? Esse é o desafio. E a resposta talvez seja “aos poucos”, porque, **escalar com segurança exige estratégia, curadoria e monitoramento contínuo**.

Nesse contexto, os agentes inteligentes vêm ganhando protagonismo. Eles contribuem para que a governança aconteça nos próprios fluxos de interação, ajudando a automatizar o controle e o compliance. No centro de tudo isso, a participação da área de negócios é fundamental. A IA precisa deixar de ser uma iniciativa de nicho para se tornar um recurso estratégico transversal, impulsionado por cultura, não apenas por tecnologia.

Inovação, crescimento e o futuro da economia na era da IA

Keynote com Paul Romer, Nobel de Economia e professor no Boston College

Paul Romer, professor e cientista, deixou clara a sua postura como alguém que sempre defendeu **crescimento financeiro por meio do conhecimento e da tecnologia** - não pelo capital e pelo trabalho. Sua palestra iniciou com um prólogo que traz essa percepção.

“**O progresso só é possível porque os humanos conseguem compartilhar conhecimento.**”

E como é possível compartilhar conhecimento? A partir da capacidade de se comunicar por meio de palavras. Por isso, a IA representa um grande desafio. Ao mostrar como os modelos de linguagem operam por meio de combinações e padrões, ele revelou uma limitação importante: é difícil gerar frases realmente úteis com aleatoriedade. O problema é que, mesmo quando a IA parece convincente, nem sempre está certa. Quando tentamos fazer uma análise, ela pode gerar erros. Com saber o que é verdade?

Segundo ele, os indivíduos **“não são bons em descobrir a verdade nem confiavelmente honestos em reportar o que sabem ou acham que sabem”**. Romer diz que a sociedade se organizou pra entender o que é certo e o que é errado a partir de três fundamentos: ciência, sistema judiciário e jornalismo. Eles funcionam por conta de um incansável foco nos fatos e porque os profissionais dessas áreas querem - e precisam - manter uma reputação de integridade e honestidade. Mas será que esses três campos estão preparados para era da IA e para fazer um entendimento da verdade?

Romer citou exemplos preocupantes, como um modelo de linguagem sendo usado para criar referências para uma defesa jurídica e, também, um acidente com vítima fatal causado por um erro na IA. Para ele, ainda não temos instituições suficientemente preparadas para avaliar, regular e testar a confiabilidade dos modelos - seja no campo científico, jurídico ou jornalístico.

A orientação do Nobel foi clara: **“Quando eu escrevo código, nunca uso IA. E recomendo que vocês também não façam isso.”** Segundo ele, as empresas devem buscar entender quais são os benefícios antes de implementá-la. “Erros podem custar dinheiro”. E como modelar a IA para a melhoria da sociedade? Romer acredita que a IA que está sendo desenvolvida hoje deveria ser pública, com informações públicas, de fonte aberta, sem a expectativa de deixar pessoas ou negócios bilionárias. Talvez essa busca esteja levando a um descaso com os erros - que podem ter consequências graves.

Para finalizar, ele afirmou: **“Duvidem de tudo o que eu disse agora. Pensem como cientistas, analisem os pontos, tomem consciência do que estão fazendo”**.

“Paralelas convergentes”: como incorporar dados de negócios em LLMs?

Painel com Alessandra Montini (LabData), Gustavo Zaniboni (Planck), Luiz A. Valentim (Dell) e Roberto Frossard (Itaú)



Qual o desafio quando temos dados não estruturados?

Segundo Alessandra Montini, 80% dos dados não estão estruturados, mas os maiores desafios estão relacionados à origem e ao tamanho deles. Isso inclui documentos, imagens, vídeos, mensagens; dados que chegam repletos de ruídos e redundâncias. Torná-los úteis exige trabalho intenso de curadoria e organização.

Mas o painel não ficou apenas na parte técnica. Falou-se também de IA responsável, tema bastante discutido em edições anteriores do Febraban. Os palestrantes defenderam que, desde o início do desenvolvimento, é essencial **considerar aspectos éticos, prever possíveis ataques e realizar testes de robustez.**

Você sabia que é possível “bajular” a IA ou mudar o contexto de uma pergunta para conseguir respostas questionáveis ou antiéticas? Para lidar com essa questão, O Itaú criou o Red Studio, um grupo multidisciplinar formado por uma advogada, uma filósofa, uma linguista e uma psicóloga. Esse grupo é dedicado a criar ataques para tentar “quebrar” os próprios modelos antes que cheguem ao cliente. Em contrapartida, há outro time trabalhando na criação das defesas.

A área de comunicação foi a que mais conseguiu provocar falhas nos testes – o que mostra como a linguagem ainda é uma fronteira sensível para a IA. Apesar do banco já ter mapeado 530 casos de uso, apenas 100 estão em produção, reforçando que o desafio não é ter ideias, mas sim colocá-las em escala com segurança.

Falando de dados, foi destacado que eles deixaram de ser “o novo petróleo” para se tornarem “o novo urânio” – valiosos, mas perigosos quando mal utilizados. Confiança e valor percebido são, portanto, essenciais. O cliente só compartilha dados se sentir que está recebendo algo concreto em troca. A personalização não pode ser o fim em si; precisa resolver problemas reais.

A frase que marcou foi: **“a IA será como a eletricidade. Só lembramos dela quando falta.”** Com o tempo, ninguém questionará se algo foi feito com ou por IA. Ela simplesmente estará em todas as coisas. Educação, ética e adaptação contínua formam a base para esse novo cenário. E o profissional que souber trabalhar com IA de forma estratégica terá seu espaço garantido no futuro.

7 DROPS L

IA escalável e responsável

Painel com Giuliane Paulista (Banco do Brasil), Guilherme Jun Haraguchi (Bradesco Seguros), Henrique Arutin (Bradesco) Luiz Humberto Rabelo Sucupira Júnior (Banco do Nordeste), Marco Aurelio Pereira (Banco BV) e Telma Luchetta (EY)

A governança de dados não deve ser uma trava para a evolução da inteligência artificial. Pelo contrário: precisa ser a base que viabiliza essa transformação. E como isso acontece? Por meio de uma esteira única, com uma visão abrangente e multidisciplinar, não mais restrita a uma única área.

Governança não é só processo. É movimento cultural dentro das empresas. Um modelo que prioriza o olhar sistêmico, horizontaliza decisões, adapta-se a cada caso de uso e aprende continuamente. Colocar um modelo em produção é só o começo. O verdadeiro diferencial está no monitoramento constante, na capacidade de aprender, “componentizar” e escalar com eficiência e responsabilidade.

“Agentic AI” nos serviços financeiros

Palestra com Jacqueline O’Flanagan (Microsoft Américas)

A evolução da AI agêntica está remodelando o futuro do trabalho. Jacqueline O’Flanagan trouxe à tona o papel dos agentes inteligentes. A tendência, segundo ela, é clara: essas soluções devem liberar os humanos para funções mais estratégicas, criativas e analíticas.

Mas isso não acontece de forma automática. As organizações precisarão investir em requalificação, adaptação de processos e, principalmente, no preparo de lideranças capazes de treinar, monitorar e colaborar com esses agentes. No mercado financeiro, onde a adoção tecnológica é mais acelerada, esse movimento já está em curso. O desafio, segundo Jacqueline, é cultural: como integrar esses novos “colaboradores” de forma fluida no cotidiano das empresas?

A transformação é tão profunda que exige uma revisão do próprio conceito de força de trabalho, agora ampliado para incluir inteligências artificiais que operam ao nosso lado.

Na boca do povo

Patrícia Chermont - Head de Growth

IA que resolve, cria e encanta.

Essa é a BIA, do Bradesco. O Edilson Reis (CIO) e a Nathalia Garcia (CMO) estiveram ontem no Febraban falando sobre esse que é considerado um programa institucional do banco. Isso mesmo. Não é um projeto de uma diretoria. A BIA abrange todas as áreas e precisa ser de toda a organização.

Ser IA first é tanto sobre cultura quanto sobre tecnologia. Senão, não dá pra escalar. Eles, inclusive, foram aprimorando os aspectos de cultura pra que isso fosse possível. Isso forçou uma mudança da priorização corporativa pra que pudesse ser estratégica e estrutural. A BIA é um organismo dentro da organização.

Continue a leitura!

Felipe Lindenmeyer - Account Manager

Será que a IA vai mudar tudo? Já está mudando, meus caros.

Ontem, no Febraban Tech, acompanhei a palestra “O futuro começa agora: reinvente o pensar, re programe o fazer com IA”, do Richard Flavio Silva, que é CIO do Santander Brasil e CEO da FIRST Digital Services. Parece que ele veio do futuro para compartilhar conhecimento. O Richard trouxe vários cases de aplicação da IA agêntica.

Continue a leitura!

Dayane Câmara - Account Manager

Hiperpersonalização em alta no Febraban Tech.

Ontem tive a oportunidade de ouvir sobre “bancos sob medida”, numa palestra com representantes do Itaú, Bradesco, Citi e Microsoft Brasil. Cada um deles contou um pouco sobre o que tem sido feito nas organizações (alô, BIA). A hiperpersonalização é fruto da digitalização, que enriqueceu os bancos de dados das instituições financeiras. Até porque é impossível personalizar sem uma base de dados bem estruturada (fica aqui o recado para você que está querendo investir em IA).

Continue a leitura!



 datum_ti

 datumti

 datumit.com